

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DE ROUSSEAU

ALINE SARMENTO COURA

**Cajazeiras- PB
Maio de 2007**

ALINE SARMENTO COURA

O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DE ROUSSEAU

**Trabalho de monografia
apresentado a Universidade Federal
de Campina Grande – Centro de
Formação de Professores – em
cumprimento as exigências
acadêmicas para o título de
Licenciatura em Pedagogia.**

Orientadora: Prof^a. Mrs. Maria Janete de Lima

**Cajazeiras- PB
Maio de 2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA



C858e Coura, Aline Sarmento.
O ensino de história e geografia na perspectiva de Rousseau / Aline Sarmento Coura.- Cajazeiras, 2007.
40f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Ensino de história. 2. Ensino de geografia. 3. Rousseau, Jean - Jacques - concepção. 4. Prática de pedagogia. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 94:37

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que me deu força durante toda essa caminhada, me iluminando na luta para a concretização dos meus ideais.

Aos meus PAIS que me deu a vida e me ensinou sempre a lutar com garra e força, me apoiando e ajudando para tornar possíveis meus sonhos.

Ao professor Dr. MANOEL DIONÍZIO NETO por ter semeado saberes em meus pensamentos e deles terem feito nascer bons frutos. Bem como, por todo o apoio e incentivo.

A professora Mrs. MARIA JANETE DE LIMA que soube transmitir o aprendizado que foi de suma importância para a elaboração deste trabalho.

A minha irmã DEBORAH e meu primo ROBINHO pelo o apoio, carinho e paciência.

À DEUS que me ajudou na conquista deste sonho.

Aos meus PAIS que se doaram por inteiros e renunciaram aos seus sonhos, para que muitas
vezes pudessem realizar os meus.

“Nosso verdadeiro estudo é o da condução humana. Quem dentre nós melhor sabe suportar as venturas e os infortúnios desta vida é, a meu ver, o melhor aluno; daí deriva que a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios. Nós começamos a nos instruir com a vida.”

Jean Jacques Rousseau

RESUMO

Este trabalho teve o objetivo de proporcionar aos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Genésio Araújo uma reflexão crítica da prática pedagógica no ensino de História e Geografia a partir da concepção de Jean-Jacques Rousseau. Pois de acordo com ele, a educação deve ser antes de tudo, para a vida, priorizando o método em que a criança vai aprender através de suas próprias experiências e que o educador terá a função de conselheiro, tendo sempre a preocupação de criar para ela situações de aprendizagem conforme suas possibilidades. Por isso, trabalhamos o ensino de História e Geografia na sua perspectiva, pois a sua experiência, no século XVIII, com a educação conservadora de sua época, o leva a propor uma educação afastando a idéia de um ensino permanentemente livresco e repetitivo. Para isto utilizamos uma amostra composta por todos os docentes, que correspondem a 08 professoras, pertencentes à rede pública da cidade de São José da Lagoa Tapada – PB, e foram consultadas através de questionários para se saber de que forma lidam e repassam os conhecimentos sobre História e Geografia. Nesse sentido, pode-se perceber as divergências entre a teoria e a prática, denunciadas nas concepções das professoras, pois essas “reconhecem” a importância de se trabalhar a educação conforme a natureza, aprendendo com a experiência, no entanto, não inclui em suas práticas essa forma de lecionar. Esperamos que este estudo tenha contribuído para a conscientização da importância do pensamento de Rousseau, de refletir a respeito de suas práticas e que não continuem alimentando uma prática medíocre que só informa e não produz conhecimento nem vincula aquilo que é proposto pela escola e a experiência de vida das crianças que frequentam esta escola. Por fim observamos que as professoras assim como os alunos, no que se refere às concepções de Rousseau a respeito do ensino de História e Geografia, constatamos que foram bem aceitas, compreendidas e que não só na teoria como também na prática tivemos resultados excelentes, mostrando, contudo a eficácia dos escritos de Rousseau.

Palavras-Chaves: Rousseau, ensino-aprendizagem, experiência, História, Geografia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	
1.1 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO EM ROUSSEAU.....	10
1.1.1 A educação na infância.....	10
1.1.2 A educação na adolescência.....	13
1.1.3 A educação na fase adulta.....	14
1.1.4 A formação do ser humano conforme Rousseau.....	15
CAPÍTULO II	
2.1 ROUSSEAU: O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA.....	19
2.1. DESAFIOS DE ENSINAR HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	21
2.3 METODOLOGIA	24
CAPÍTULO III	
3.1 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A RESPEITO DA PÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA DE GEOGRAFIA	26
3.2 DA TEORIA A PRÁTICA.....	28
COSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

É inegável que é preciso uma educação que busque formar cidadãos crítico-reflexivos, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade. Sendo assim, capazes de decidir por si próprios, desenvolvendo uma prática pedagógica que objetive a livre expressão proporcionando uma pedagogia de busca e troca de experiência.

Por isso, trabalharemos o Ensino de História e Geografia na perspectiva de Rousseau, pois a sua experiência, no século XVIII, com a educação conservadora de sua época, o leva a propor uma educação afastando a idéia de um ensino permanentemente livresco e repetitivo.

Para Rousseau, a educação deve ser antes de tudo, para a vida. Ele prioriza o método em que a criança vai aprender através de suas próprias experiências e que o educador terá a função de conselheiro, tendo sempre a preocupação de criar para ela situações de aprendizagem conforme suas possibilidades.

Seguindo o entendimento acima expresso, devemos lutar pela não aceitação de uma escola conservadora que impossibilita a ação do indivíduo com a atenção centrada apenas na matéria a ser ensinada e no programa pelo qual esta matéria é orientada, bem como em longas exposições orais e no uso intensivo dos materiais e composições, ou seja, exagero de atividades e exames.

Nesse sentido, surge uma grande preocupação com as disciplinas de História e Geografia que são trabalhados de forma opressiva e tradicionalista, desvinculada da vida prática das crianças. Enquanto que, deveria estar centrado na valorização da capacidade dos educandos, proporcionando-lhes um caminho para seguir, um papel ativo de acordo com seus interesses, bem como considerar o ponto de vista da criança para o melhor desenvolvimento de suas faculdades criadoras e ativas, segundo suas habilidades e opiniões, conduzindo o educando a construir, com a ajuda do educador, a sua própria personalidade.

Todavia, a escola que não prepara o indivíduo para a vida deixa de ser uma instituição propagadora do conhecimento, ativa para tornar-se ambiente passivo, fechado, que nada contribui para a formação dos indivíduos.

No entanto, é no ensino de História e Geografia que se encontra uma imensa dificuldade de se trabalhar a formação do indivíduo consciente de seu papel na sociedade, como também aproveitar as situações naturais e criar condições para que essas situações sejam incorporadas no processo de aprendizagem, isto é, as crianças aprenderem pelas suas próprias experiências.

É importante mencionar que as mudanças necessárias no ensino de História e Geografia devem ser feitas, principalmente, pelos professores que devem proporcionar uma educação voltada para o desenvolvimento pleno das potencialidades da criança oferecendo-a instrumentos para aprofundar seu conhecimento e desenvolver sua ação.

Nesse contexto, o presente estudo tem por finalidade proporcionar uma reflexão crítica da prática pedagógica no ensino de História e Geografia a partir da concepção de Jean-Jacques Rousseau. Este estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Genésio Araújo - PB.

Com base nesses pressupostos, escolhemos como sujeito de estudo, 08 professoras pertencentes à rede pública da cidade de São José da Lagoa Tapada, com o intuito de proporcionar uma visão mais clara a respeito de como lecionar História e Geografia conforme é proposto por Rousseau.

Nessa perspectiva temos como metas identificar a metodologia utilizada pelos professores da referida escola, possibilitar uma reflexão dos procedimentos metodológicos de acordo com que propõe Rousseau para o ensino de História e Geografia e propor situações que favoreça uma educação pela ação, baseada na expressão natural, visando uma atividade construtiva.

Para isto, pretendemos contribuir para que os alunos tenham uma aprendizagem significativa, bem como desencadear ações que priorizem uma formação autônoma, crítica-reflexiva, possibilitando aos alunos a compreensão de si mesmo e da vida coletiva de que fazem parte.

Assim para a realização prática desse estudo tomamos como base os 08 professoras, que foram consultados através de questionários para se saber de que maneira elas lecionam,

que metodologia utiliza que autores se fundamentam, quais as dificuldades são pertinentes, para a partir daí podermos contribuir para uma reflexão no que se refere o ensino de História e Geografia.

Este trabalho foi assim construído: no primeiro capítulo os princípios Fundamentais da Educação em Rousseau. Nestes abordamos: A Educação na Infância, na Adolescência e na fase Adulta, conforme o que foi preconizado por Rousseau em seus escritos.

No segundo capítulo descrevemos sobre Rousseau: o ensino de História e Geografia, bem como os desafios de ensinar essas disciplinas nas séries iniciais do ensino fundamental.

Por fim, o terceiro capítulo se compõe das concepções das professoras a respeito da prática de ensino de História e Geografia. Contudo esperamos que esse estudo contribua para que os professores repensem suas práticas com o intuito de aprimorá-las cada vez mais.

CAPÍTULO I

1.1 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO EM ROUSSEAU

Rousseau, um dos mais bem conceituados pensadores do Século XVIII (conhecido como século das luzes), participou do movimento chamado Iluminismo, muito rico em reflexões pedagógicas, no qual lutou contra todas as formas do absolutismo, isto é, contra o poder absoluto exercido pelo Estado e pela Igreja.

A influência de Rousseau no campo educacional ocorreu principalmente devido a sua obra *Emílio*, que trata da educação de uma criança acompanhada de um preceptor que a auxiliará a ter uma educação conforme a natureza, preservando-a da sociedade corruptora. Pois o autor preconiza uma educação afastada do artificialismo das convenções sociais.

A proposta de Rousseau, de uma educação de acordo com a natureza, foi considerada inovadora e revolucionária, pois ele se opõe à educação do seu tempo e a formação humana em geral proposta pela educação de sua época. Dessa forma, apresenta uma proposta que valoriza a liberdade, bem como o desenvolvimento das faculdades das crianças.

Rousseau, no *Emílio*, propõe um projeto de um novo homem e de uma nova sociedade apresentando os princípios gerais para uma educação de qualidade. Para isto, preconiza a importância da educação conforme a natureza, pois Rousseau quer que o homem seja educado para si mesmo. Assim ver-se-á necessidade de se repensar a educação considerando para tanto uma nova forma de compreender a infância, a adolescência e a fase adulta. Como, pois, foram postos por Rousseau os diferentes modos de educar segundo as diferentes etapas de formação humana?

1.1.1 A educação na infância

A infância, para Rousseau, é o período no qual acontece o desenvolvimento físico do ser humano. Assim sendo, é neste período em que as faculdades naturais do indivíduo humano deverão ser constituídas, pois, é a sua primeira formação.

A criança precisa de liberdade para viver e aproveitar cada fase da sua vida em seu devido tempo e não ser considerada um adulto em miniatura. Rousseau afasta a possibilidade da criança ser confundida com o adulto e enfatiza a necessidade dela ser tratada de fato como criança quando afirma: “amai a infância, favorecei as brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto” (ROUSSEAU, 2004, p.72), pois a infância é um período curto que não volta mais, por isso faz-se necessário deixar que a criança goze desse tempo valioso, porque nesta idade o sorriso está sempre nos lábios e não se deve impor a vontade de adulto sobre ela já que a mesma tem maneiras próprias de agir.

É preciso pensar seriamente no significado da infância, que tem início no nascimento da criança, e, a partir daí, proporcionar uma educação cujo processo será determinado pela natureza, dando atenção a diversas fases do seu desenvolvimento. Pois não devemos impor os saberes dos homens à criança; é preciso considerar cada um em seu lugar, ou seja, considerar o homem no homem e a criança na criança, sabendo-se que ambos são diferentes e têm suas próprias características.

Seguindo esta linha de entendimento, compreendemos que a educação é um processo natural e não artificial. Portanto, a educação deve ser efetivada a partir do momento que se respeite o desenvolvimento natural da criança e não forçá-la a aprender coisas de adulto com uma educação bárbara voltada para um futuro incerto, deixando assim de viver o presente.

Todavia, dar-se-á mais ênfase a uma educação de acordo com a natureza e que valorize o presente. Isso nos diz Rousseau, quando nos chama a atenção para o seguinte: “Que mania a de um ser tão passageiro como o homem sempre olhar para longe, num futuro que vem tão raramente, e desdenhar o presente de que tem certeza!” (ROUSSEAU, 2004, p.78). Partindo disso, entende-se que o homem deve valorizar o presente e não viver sempre em busca de um futuro incerto, tornando-se tão longe de si mesmo, conduzido por desejos supérfluos, isto é, necessidades imaginárias que fará o homem infeliz, não mantendo ele o equilíbrio entre os seus desejos e suas capacidades de realizá-los.

De acordo com o exposto acima, Rousseau nos diz o seguinte: “É na desproporção entre os nossos desejos e nossas faculdades que consiste a nossa miséria. Um ser sensível cujas faculdades iguallassem os desejos seria um ser absolutamente feliz” (ROUSSEAU, 2004, p.74). Pois a felicidade consiste no uso de sua liberdade, será feliz quanto mais puder

fazer o que necessita e não adquirir um excesso de desejos sobre suas faculdades. Ou seja, quanto mais o homem permanece perto de sua condição natural mais se distancia dos desejos supérfluos que os torna infeliz, por causar um desequilíbrio entre a potência e a vontade.

É indispensável conservar a criança, ao máximo possível, numa educação de acordo com a natureza e assim deixá-la viver o presente, evitando os vícios e os erros para que, ao chegar aos doze anos, o seu entendimento em relação à razão seja sem preconceitos e sem vícios. Assim o seu caráter se desenvolverá em liberdade, aproveitando cada minuto desse tempo valiosíssimo. Pois, segundo Rousseau (2004, p.97) “A primeira educação deve ser previamente negativa. Consiste não em ensinar as virtudes ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro”. Por isso deve-se preparar a criança desde os primeiros anos, para que seus primeiros olhares sejam impressionados com objetos que lhe convém, e não gerar os erros e vícios. Pois a educação moral deve ser consequência natural do desenvolvimento da criança.

É importante ressaltar que as lições devem consistir mais em atos do que em palavras. Não se deve aplicar às crianças o castigo como castigo, mas devemos fazer com que sintam as consequências naturais de sua má ação, apresentado pela experiência e não de forma autoritária. Neste sentido, Rousseau (2004, p. 81) afirma que “O primeiro de todos os bens não é a autoridade, mas a liberdade. O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada”. Portanto, um homem livre é um homem que tem autonomia em suas decisões, e não necessita de outras pessoas para fazer as coisas no seu lugar. Pois a felicidade consiste no uso de sua liberdade, será feliz quanto mais poder fazer o que necessita. E assim aprende pelos seus atos e não porque alguém o obriga a fazer. Com isso, tornará as crianças mais livres e menos dependentes dos adultos. Assim, as crianças se acostumam desde cedo a pôr sob a sua dependência seus desejos e suas forças.

É necessário educarmos o homem desde o nascimento para que lhe seja garantida a preservação de todas suas inclinações naturais, até que construa a sua formação física e moral durante a infância e a adolescência, quando passa a adquirir as qualidades que permitem inserir-se na sociedade, abrindo espaço para a construção da sua cidadania.

1.1.2 A educação na adolescência

A adolescência, conforme Rousseau é um período de modificações, um novo nascimento que remete o indivíduo a um processo de aprendizagem em direção a autonomia da vida adulta.

No período que vai dos doze aos treze anos, próximo à adolescência, a criança, por não ter todas as suas necessidades desenvolvidas, as suas forças são superiores. Pois, “aos doze ou treze anos, as forças da criança desenvolvem-se bem mais rapidamente do que suas necessidades” (ROUSSEAU, 2004, p.211). Neste período, o progresso da força ultrapassa o das necessidades. Assim, podendo mais do que deseja, será um ser muito forte.

De acordo com Rousseau, a fraqueza do homem decorre da desigualdade existente entre a sua força e seus desejos. Nesse sentido, entende-se que, se diminuirmos os desejos, teremos capacidades suficientes para satisfazer o que nos é necessário, como também seremos felizes. Pois são as necessidades imaginárias que tornam o homem infeliz.

É importante mencionar que, as paixões que dominam e destroem o homem não provem da natureza; o indivíduo é quem se apropria delas, tornando-se, assim, infeliz, pois a única que nasce com o homem é o amor de si, as outras são modificações. Nesse sentido, Luis Roberto Salinas Fortes ao escrever sobre Rousseau: o bom selvagem, afirma: “Fiz ver que a única paixão que nasce com o homem, o saber, o amor de si, é uma paixão em si mesma indiferente ao bem e ao mal, que se torna boa ou má a não ser por acidente e segundo as circunstâncias nas quais se desenvolve”. (FORTES, 1989, p. 12). Pensando assim, compreendemos que, na natureza, tudo é correto: o homem é quem modifica tudo. Pois a fonte de nossas paixões é natural; as outras são modificações que se aglutinam a esta fonte natural.

A educação de quinze a vinte anos, ou melhor, a adolescência é o período em que se educa o coração para a vida em comum e para as relações sociais. Neste período, deve-se encontrar meios de satisfazer o indivíduo, colocando-o ao seu alcance o que ele deve aprender para aquisição de sua formação moral, o que preparará para a vida adulta. Pois é o período de se preparar o indivíduo moralmente para as seus relações com a humanidade. Partindo disso, é fundamental mencionar a importância do princípio da utilidade que, segundo Rousseau (2004,

p. 234), “Assim que chegamos a dar ao nosso aluno uma idéia da palavra *útil*, temos mais um grande meio para educá-lo, pois essa palavra o impressiona muito, dado que tem para ele apenas um sentido relativo à sua idade e que ele vê claramente a sua relação com o seu bem-estar atual”.

Pensando assim, cabe ao preceptor colocar ao alcance do aluno o que ele deve aprender, e fornecer meios de satisfazê-lo; como também é papel do educando procurar desejar e encontrar o que lhe é útil e conseguir conhecer a si mesmo para compreender em que consiste o seu bem-estar.

O ser humano deve formar sua personalidade de forma a ser um homem natural, que se satisfaz, tendo assim opinião própria e buscando se conhecer cada vez mais e não satisfazer apenas as outras pessoas. Pois o período que constitui a adolescência é um estado turbulento de mudanças. Diante de tal contexto Carrano nos diz que: “Rousseau, em seu *Emílio*, também descreve a adolescência como um segundo nascimento, uma espécie de metamorfose, de renovação total e dramática, o estágio da existência em que se revela o senso social, a emotividade e a consciência”. (CARRANO, 2005)

A adolescência é o período em que surgem as primeiras manifestações da consciência e dos primeiros sentimentos de amor e ódio, como também é o período da educação religiosa, que, segundo Rousseau, não deve ser imposta ao indivíduo, isto é, não deve ser imposta religião que ele deve seguir, mas o que se deve fazer é colocá-lo em condições de escolher a sua própria religião e que, na sua escolha, seja conduzido pelo melhor emprego da razão. Assim terá autonomia para escolher, princípio fundamental para que, ao chegar à fase adulta, possa fazer as suas próprias escolhas.

1.1.3 A educação na fase adulta

A fase adulta, conforme Rousseau, é a exposição da educação do ser moral como também é o direcionamento do indivíduo à vida sócio-política do Estado.

É na fase adulta, que a educação está voltada mais para a formação intelectual, estética e moral, como também é importante ter conservado os bons hábitos da infância. Nesse

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

sentido, Rousseau (2004, p. 636) diz que: “Se quiserdes prolongar pela vida inteira o feito de uma boa educação, conservai ao longo da juventude os bons hábitos da infância, e, quando nosso aluno for o que deve ser, fazei com que seja o mesmo em todos os tempos; eis a última perfeição que vos está dar à vossa obra”. Portanto, para se alcançar uma boa educação, faz-se necessário preservar os hábitos da infância, pois não é porque se tornou adulto que excluirá estes hábitos de quando criança, mas, sim, mantê-los.

Segundo Rousseau, há diferenças entre o homem e a mulher e que estas diferenças pertencem ao sexo. Pois considera que, de acordo com a lei da natureza, a mulher foi feita para agradar ao homem e que ela deve ser conforme a constituição de sua espécie e de seu sexo, ou seja, deve usufruir os seus direitos e não se apossar dos direitos dos homens. A esse respeito, Rousseau afirma que “A mulher vale mais como mulher e menos como homem; em toda parte onde faz valer seus direitos, leva vantagem, em toda parte onde quer usurpar os nossos, permanece inferior a nós”. (ROUSSEAU, 2004, p. 525). Com isso, compreendemos que a mulher deve cultivar suas qualidades, pois terá mais vantagens do que se apropriar das qualidades dos homens, como também ocupará o seu lugar na ordem física e moral.

Contudo, é importante desenvolver bem a razão para que o indivíduo possa ter suas próprias opiniões, decidindo por si mesmo o que é melhor para si próprio, pois, até a idade em que a razão não está formada, o que é bom ou mal é decidido pelas pessoas que o rodeiam. Por isso, faz-se necessário proporcionar uma educação que, o ser humano, ao ser educado, intelectualmente, não seja persuadido pelas pessoas que querem impor à forma dele se comportar. Assim observamos a importância de educar o homem conforme a natureza, para que ele tenha a educação que lhe convém.

Assim, o indivíduo, nesta fase adulta, deve estar preparado para cumprir as suas funções de homem, ou melhor, ser capaz de viver em liberdade, sem que fique dependente dos homens, comprometendo sua felicidade.

1.1.4 A formação do ser humano conforme Rousseau

Jean-Jacques Rousseau, ao propor uma educação conforme a natureza, ressalta a necessidade de formar o homem, antes que este possa se inserir na sociedade como cidadão.

De acordo com Rousseau, a sociedade deve ser transformada, pois o estado social é um estado contra a natureza, por isso é essencial à modificação da sociedade, para melhorá-la e assim formar um cidadão que possa exercer a sua verdadeira cidadania.

Além disso, devemos ressaltar que, antes de inserir a criança na sociedade, é necessário que ela esteja preparada para as experiências sociais e isto acontece quando ela atinge a idade da razão, que vai dos 15 aos 20 anos, ou melhor, a preparação moral para protegê-la dos vícios e preconceitos. Nesse sentido, Maria Inez Cavalieri Cabral, ao escrever *de Rousseau a Freinet ou da teoria à prática*, nos chama a atenção para o seguinte:

A educação deve, pois, segundo Rousseau, levar em conta esse três momentos [realizar a formação de homem, homem social e cidadão]. Ele considera, a partir de seu estudo sobre a natureza humana que a criança deve ser, o mais possível, protegido do contato com a sociedade *até que atinja a idade da razão* [situada entre quinze e vinte anos]. (CABRAL, 1978, p.51)

Rousseau propõe que devemos primeiro formar indivíduo e logo após é que poderemos passar à formação política, isto é, à de cidadão. Segundo Rousseau, a sociedade corrompida transforma o homem e altera a sua natureza. Por isso, faz-se necessário proteger a criança da sociedade até que ela atinja a “idade da razão”.

Rousseau distingue três tipos de educação a educação da natureza, a das coisas e a dos homens, sabendo-se que os três são necessários para que se tenha uma boa formação. Mas é a educação da natureza que deve orientar as outras duas.

De acordo com Cabral observamos que a proposta de educação rousseauiana busca formar homens, produzindo assim, homens sociáveis, como também cidadãos dedicados a sua pátria e a seu Estado.

Na proposta de educação de Rousseau, encontraremos também, como objetivo, o “desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seus afastamentos dos males sociais”, conforme é dito por Luiz Roberto Salinas Fortes(2005), em seu texto: *Rousseau: o bom selvagem*, que trata da vida e obra de Rousseau.

Rousseau prioriza uma educação conforme a natureza e, segundo ele, o verdadeiro estudo é o da condição humana, pois é preciso a preparação moral da criança antes que esta

seja inserida na sociedade, e assim se corrompa, por isso é importante proteger a criança da experiência social até que ela esteja preparada moralmente. Portanto, a nossa educação inicia-se conosco e começamos a adquirir conhecimentos começando a viver, sabendo-se que a verdadeira educação fundamenta-se mais nos exercícios do que nas regras de como proceder. A esse respeito Rousseau (2001, p.221) diz que “Se ela [a criança] se enganar, deixai estar, não corrija os seus erros, aguardai em silêncio que ela esteja em condições de enxergá-los e de corrigi-los por se mesmo”.

De acordo com o autor, entendemos que é preciso que a criança aprenda com os seus erros e não através de regras, e assim corrija-os, pois é com a experiência que ela aprenderá e não com palavras, ou seja, é necessário que ela compreenda por si própria e não por que alguém lhe disse como agir. Pois é com as experiências que aprendemos bem e temos uma idéia mais clara e bem mais segura das coisas e conseqüentemente uma boa educação.

O indivíduo necessita de uma educação livre do autoritarismo, da opressão que o torna escravo, dependente dos homens; é indispensável uma educação que o conduza à sua formação de homem de acordo com a natureza. Nas palavras de Rousseau (2001, p. 82), “existem dois tipos de dependência: a das coisas, que é da natureza, e a dos homens, que é da sociedade”. Pois esta primeira dependência não causa vícios, nem causa danos à liberdade, enquanto a segunda produz todos os vícios e ainda leva as pessoas a corromperem-se.

Podemos dizer também que “A dependência das coisas soma-se a dependência dos homens, o indivíduo não mais será livre como era no estado de natureza, e tornando-se escravo, escravizará também os vegetais, os animais, o próprio homem... a terra inteira” (CABRAL, 1978, p.26). Com isso, observamos a importância de conduzirmos o indivíduo a uma educação de acordo com a natureza, a qual Rousseau tanto preconiza, para que o indivíduo não venha a se tornar um escravo, e destruir a sua liberdade.

É importante ressaltar que, com uma educação conforme a natureza, a criança será criança antes de ser homem, isto é, não será considerado um adulto em miniatura. Dessa forma, Rousseau (2001, p.91) afirma que “A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas, e para mim seria a mesma coisa exigir que uma criança tivesse juízo aos dez anos”.

Assim entendemos que a criança é um ser com características próprias e que não deve ser vista como um ser adulto em miniatura, e isto foram possíveis através de Rousseau que trouxe novas idéias para contestar aquelas que predominavam em sua época, quando a educação da criança era direcionada aos interesses do adulto e da vida adulta. Deixando assim de viver o presente, em busca de um futuro incerto, como também sacrificar a infância da criança, pois os adultos impõem regras às crianças, tornando-as homens em miniatura, visando um futuro no qual não tem certeza se vai chegar, deixando assim de ser feliz.

CAPÍTULO II

2.1 ROUSSEAU: O ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Em seus escritos Rousseau propõe a educação por meio da ação dos instintos e das forças naturais e não por imposições externas, a preocupação em educar o indivíduo de forma que ele aprenda por suas próprias experiências, que seja autônomo e capaz de interagir no seu meio. Pois as aquisições do ser humano não são obtidas pelo estudo de regras, mais sim pela experiência.

No pensamento Rousseauiano, observamos que o homem não nasce pronto, ele se constrói, com isso vemos que é fundamental refletirmos sobre que tipo de homem queremos formar. Assim ver-se-á necessidade de um processo voltado para a experiência do indivíduo no qual ele mesmo se torne o sujeito de sua educação. Para isto Jean-Jacques Rousseau prioriza uma educação pela ação, ou seja, não devemos recorrer apenas a discursos explicativos, pois os verdadeiros mestres são as experiências e as lições devem ser mais em ações do que em discursos. Nesse sentido, Ana Beatriz Cerisara na sua obra, Rousseau: a educação na infância, diz que: “As coisas para serem assimiladas pelas crianças, necessitam de um significado relacionado com seu momento presente, precisam ser vividas por elas”. (1990, p.124).

Um estudo sem as idéias das coisas representadas, não leva a nada, pois dessa forma as crianças não compreenderão coisa alguma, já que estão limitadas apenas a sinais representantes e não ao significado, a idéia da coisa.

Diante do obstáculo para caracterizar uma educação de qualidade, convém analisar um dos aspectos essenciais que é a formação do professor, pois ele deve cuidar da sua educação, já que é um modelo para a criança. Sabendo-se que não são somente as palavras do professor que influenciam as crianças, mas sim as palavras com seus exemplos, atitudes que servem de modelo para os alunos.

Seguindo o entendimento exposto acima entendemos que é preciso um ensino que vise a livre expressão e não a repetição das coisas, pois conhecer verdadeiramente não é apenas

saber repetir; a repetição e a cópia utilizadas diariamente em sala de aula como método do ensino-aprendizagem não conduzirá o aluno a uma aprendizagem significativa, concreta. Pois essa forma de trabalhar o conhecimento, principalmente nas disciplinas de História e Geografia, é que está deformando o educando, isto é, o aluno não está sendo preparado para a vida nem para exercer o seu papel de cidadão.

Rousseau não se opõe ao ensino de História e Geografia, mas ao conteúdo e a maneira como é conduzido, transmitido.

É preciso instituir relação de causa e efeito para ensinar História e Geografia com significado e assim construir um conhecimento de forma que o aluno tenha prazer em aprender e não viver na ilusão de uma prática pedagógica medíocre na qual o aluno fica submetido a uma autoridade do professor e só trabalha à força de palavras. Deixando assim de agir por si mesmo, pervertido pela sociedade sem autonomia para tomar suas próprias decisões.

Rousseau quer evitar todo tipo de dominação, tanto por parte das crianças como dos adultos. Pois o educador deve suprimir da sua prática educativa os termos mandar, obedecer, dever e obrigação. Esses termos não têm significado para as crianças já que essas não têm nenhuma idéia das relações sociais e lições de moral. Apenas as lições de experiência devem permanecer.

É imprescindível um processo de aprendizagem que considere o aluno como um ser ativo e pensante, capaz de tomar suas próprias decisões, ser autônomo. É preciso aprender a pensar e não viver só por meio da verbalização de conteúdos, o educador deve instigar o aluno a refletir, a ter opinião própria a conduzi-lo a uma formação de homem, de cidadão consciente de seu principal na sociedade.

Rousseau critica a forma pela qual são administradas as disciplinas de História e Geografia, pois não conduzem o aluno a se tornar um ser pensante. A esse respeito ele diz que:

Julgando ensinar-lhe a descrição da Terra, só lhe ensinamos a conhecer mapas; ensinamo-lhes nomes de cidades, países, de rios, que ela não concebe que existam em outra parte que não sobre o papel onde lhes mostramos. Lembro-me

de ter visto em algum lugar uma Geografia que começava assim: *Que é o mundo? É um globo de papelão.* Esta é precisamente a Geografia das crianças. (ROUSSEAU, 2004 ,p.123).

Com isso observamos que é indispensável um ensino que priorize a experiência, a aprendizagem significativa dos conteúdos. A função do ensino de Geografia nas séries iniciais é construir a conceituação básica de compreensão da sociedade, como se constitui o espaço que vive hoje seguindo as perspectivas críticas.

O professor de História e Geografia está construindo um espaço irreal na transmissão dos conteúdos dessas disciplinas, e isso ocorre porque na sua ação não estão estabelecendo relação entre a escola e a vida. O ensino dessas disciplinas deve iniciar com a leitura da realidade da criança relacionando o lugar mais próximo dela com os outros lugares mais abrangentes.

É importante ressaltar que as atividades de História e Geografia deve propiciar ao aluno situar-se no mundo como cidadão. Para isto o professor deve instrumentalizar o educando a viver, a reconhecer o mundo, bem como se situar nele de maneira crítico-reflexiva.

Diante dos obstáculos para concretizar uma educação de qualidade convém analisar o papel do educador que é de suma importância no trabalho de aquisição das noções e representação na formação do cidadão crítico. Assim, a criança observará e analisará a organização de espaço, oportunizando a compreensão da própria vida social.

2.2 DESAFIOS DE ENSINAR HISTÓRIA E GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O ensino de História e Geografia tem como papel fundamental nas séries iniciais proporcionar ao aluno a leitura de compreensão de sua realidade bem como posicionar e fazer escolhas. Os conteúdos a serem desenvolvidos na escola devem surgir das problemáticas locais nas quais as crianças e a escola estão inseridas. Com isso possibilitar aos educados a compreensão de si mesmo e da vida coletiva de que faz parte.

É imprescindível que as escolas e os professores não contemplem os conteúdos de forma a ser algo pronto e acabado, inquestionável, mas sim recriá-los adaptá-los à realidade local e regional.

Os estudos Históricos devem tornar possíveis estudos críticos e reflexivos, expondo as mudanças, permanências, às semelhanças e diferenças das vivências, estabelecendo relações temporárias e sociais, tanto do dia-a-dia individual, familiar, como no coletivo do educando. Os conteúdos de História a serem trabalhados no primeiro ciclo, ou seja, na primeira e segunda série devem focar histórias pertencentes ao local em que o aluno convive relacionando há diferentes tempos. Nesse sentido os parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dizem que:

Cabe ao professor, ao longo de seu trabalho pedagógico, entregar as diversa estudos sobre as relações estabelecidos entre o presente e o passado, entre o local, o regional, o nacional e o mundial". (2001,p.65)

Com isso vemos que o professor é essencial no processo ensino-aprendizagem, portanto faz-se necessário que crie situações que conduza os alunos a terem atitudes questionarias diante dos acontecimentos e das ações dos sujeitos, fazendo relações entre as dependências, continuidades, acontecimentos de um próprio tempo e de outros tempos e lugares.

É preciso criar situações em que os educandos aprendam a participar ativamente questionando, promovendo debates sobre os conteúdos, bem como realizar aulas de campo, visitar lugares históricos, fazer pesquisas. A esse respeito encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais que é:

fundamental para o estudante que está começando a ler o mundo humano conhecer a diversidade de ambientes, habitações, modos de vida, estilos, de arte ou as formas de organização de trabalho, para compreender de modo crítico a sua própria época e o espaço em seu torno. (2001,p.91)

Assim vemos que com essa prática educacional voltada para o contato com as coisas, priorizando a experiência, estudando de forma a construir o conhecimento através do significado das coisas e não uma mera transmissão de conteúdos favorecerá uma aprendizagem direcionada a um olhar sobre a realidade.

É de suma importância reconhecer as semelhanças e diferenças da localidade do aluno, identificando as mudanças ocorridas do espaço onde vive, entre os grupos sociais e seus costumes, suas família e as pessoas que trabalham na escola, buscando com isso fazer o aluno se situar no tempo presente, identificando as mudanças e as permanências.

Torna-se necessária modificar essa maneira de ensinar História e Geografia apenas pelo discurso do professor e pelo livro didático. No ensino de Geografia é essencial:

abordar principalmente questões relativas a presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL, 2001,p.127)

Dessa forma teremos uma prática pedagógica que priorizará ao aluno conhecer o processo de construção do espaço, bem como considerar os conhecimentos que os educando já possuem, proporcionando uma aprendizagem mais significativa. Assim, “a proposta é de que os estudos sejam disparados a partir de realidades locais, ganhem dimensões históricas e espaciais múltiplas e retornem ao local, na perspectiva de desvendá-lo, de reconstruí-lo em dimensões mais complexas (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2001, p. 65).

Cabe ao professor propiciar uma educação voltada para o desenvolvimento das potencialidades do aluno num ambiente favorável ao seu crescimento pessoal e humano, ela poderá ser ativa, “agindo sempre de acordo com seu pensamento, e não com o de outra pessoa...” (ROUSSEAU, 2004, p. 139), exercendo assim a sua verdadeira cidadania.

Pensando assim compreendemos que é indispensável oferecer as crianças um ambiente adequado que melhor convenha a natureza, permitindo o contato com as coisas, utilizando instrumentos e meios que têm a função de propiciar a participação e o interesse do educando com a finalidade de formar o homem mais apto a contribuir na transformação da sociedade.

Já vimos que é preciso ensinar, principalmente História Geografia, de forma a educar o indivíduo através de suas próprias experiências, sendo autônomo e capaz de agir e interagir no seu meio. Pois as aquisições do ser humano não são obtidas pelo estudo de regras, mas sim pela experiência. Nesse sentido Rousseau (2004, p. 126) afirma que: “É fácil colocar em

suas bocas (nas das crianças) as palavras rei, império, guerras, conquistas, revoluções, leis; mas, ao se tratar de ligar a essas palavras idéias nítidas, haverá uma grande distância...”.

Assim, entendemos que uma prática pedagógica que valoriza apenas a utilização de palavras sem a representação delas, ou seja, a idéia mais clara do que realmente são, não conduzirá a uma aprendizagem eficaz, mas sim distanciará a compreensão, o entendimento do conhecimento que se quer propagar, socializar.

O desafio de ensinar História e Geografia perpassa por todo um processo que requer um trabalho coletivo, integrado, aproveitando as situações naturais do aluno e criando condições para que essas situações sejam incorporadas no processo de aprendizagem.

No século XX, Célestin Freinet, seguindo uma ordem semelhante de pensamento de Rousseau, nos encaminha para lutarmos por uma escola que priorize a livre expressão e a não aceitação de uma instituição conservadora, pois ele crítico da escola tradicional, entende ser o objetivo da educação criar as condições para que a criança possa desenvolver “ao máximo sua personalidade no seio de uma comunidade racional a que ela serve e que lhe serve” (FREINET, 2001, p. 9). Para isto cumpre-se formar uma escola com seguintes princípios: que seja centrada na criança; que se caracterize como uma escola do trabalho; e seja construída para o homem de seu tempo.

E fundamental construir um processo educativo centrado na atividade e na criatividade, evidenciando a importância da educação conforme a natureza, bem como da preparação do indivíduo para a vida, dando ênfase à participação e integração entre a família, a comunidade e a escola. Mas, por isto, é indispensável que os educadores contribuam para o desenvolvimento de cidadãos, pois para ser cidadão, é preciso ser livre e autônomo.

2.3 METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo, optamos pelo estudo de caso “Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos. Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos” (ROESE, In Matos, 2001).

Trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida, faz com que essa modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores.

O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados (GIL, In Matos, 2001).

Tomamos como referência para nosso trabalho a comunidade docente da Escola Estadual de Ensino Fundamental Genésio Araújo de São José da Lagoa Tapada. Para sabermos de que maneira poderíamos contribuir para a realização do ensino de História e Geografia na perspectiva de Rousseau, perguntamos pela formação das professoras e que séries lecionam, bem como a concepção que têm a respeito de como se deve ensinar História e Geografia. Assim, buscamos saber que atividades a escola proporciona para a aprendizagem crítica dos alunos, quais as dificuldades de trabalhar os conteúdos de História e Geografia e que autores trabalham ou consideram importantes para desenvolver os assuntos das referidas disciplinas. Ressaltamos ainda a importância de saber que relação elas podem fazer entre o pensamento de Rousseau e a prática pedagógica que elas desenvolvem.

Para isto, tomamos uma amostra composta por todas as professoras, que correspondem a 08 docentes, e foram consultados através de questionários para se saber de que forma lidam e repassam os conhecimentos sobre História e Geografia.

Assim a realização desse trabalho é de fundamental importância para incentivarmos um ensino voltado para o que propõe Rousseau em termos de educação referentes à História e Geografia.

CAPÍTULO III

3.1 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES A RESPEITO DA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Com base no que já foi dito sobre a concepção de educação de Rousseau e principalmente em relação ao ensino de História e Geografia, perguntamos de que forma a prática pedagógica dos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental Genésio Araújo está contribuindo para uma educação de qualidade que prepare o indivíduo para a vida. Como está sendo efetivado o ensino de História e Geografia? Qual a contribuição da escola para o desenvolvimento de uma aprendizagem que priorize uma educação de acordo com a natureza, que prepare o indivíduo para a vida, formando assim um sujeito autônomo capaz de exercer o seu papel na sociedade.

As questões utilizadas no questionário têm como base identificar a prática pedagógica dos informantes, para que a partir da atuação delas possamos incentivá-las a desenvolver uma prática que de acordo com Rousseau conduzirá a uma educação de qualidade. Para isto perguntamos: “Qual a sua formação?”. Nesse sentido, todas responderam que é o pedagógico. Em seguida perguntamos: “Qual a série que leciona?”. Quanto a essa questão 02 professoras ensinam a 1ª série, 02 a 2ª série, 02 a 3ª série e 02 a 4ª série.

Buscando um maior entendimento com relação à prática das professoras fizemos a seguinte pergunta: “Na sua concepção como deve ser lecionado o ensino de História e Geografia?”. Identifique atividades. Pois por se tratar de professoras que ensinam História e Geografia, tem por fim fazer a mediação entre os conteúdos e os alunos, é indispensável que estas tenham uma concepção de como deve ser construído esse conhecimento. Dessa forma, constatamos que 07 professoras têm como concepção do ensino de História e Geografia apenas leitura dos textos, aulas expositivas, estudo de mapas e exercícios escritos e apenas 01 professora têm como concepção trabalhar a realidade do aluno, com atividades voltadas para sua vida prática, seu dia-a-dia, o cotidiano. Assim vemos que a maioria das informantes tem uma formação de idéias, conceitos que levam a uma prática mecânica que não formará o indivíduo para a vida. Isso nos diz Rousseau quando nos chama a atenção para o seguinte:

Em qualquer estudo que seja, sem a idéia das coisas representadas, os signos representantes não são nada. Todavia, sempre limitamos a criança a esses signos, sem jamais podermos fazê-la compreender nenhuma das coisas que representam. (2004, p. 123)

Partindo disso entende-se que o ensino baseado apenas em signos, sem a representação das coisas não produzirá atividades construtivas, e isto acontece porque a comunidade docente está mais preocupada com a quantidade de conhecimentos do que com seu processo e sua construção. Ou seja, centrada apenas na quantidade de conteúdo dado aos alunos.

Mas com o intuito de sabermos se a escola contribui para a formação de alunos crítico-reflexivos, perguntamos: “Que atividades a escola desenvolve para possibilitar a aprendizagem crítica dos alunos na disciplina História e Geografia: é feira cultural, exibição de vídeo, aulas de campo, leitura de texto/conteúdos atuais ou outro?” Quanto a essa questão 07 professoras responderam leitura de texto e 01 respondeu leitura de texto e aulas de campo. Observamos assim que as atividades propostas pela escola não favorecem uma formação de alunos crítico-reflexivos, pois é uma instituição passiva, tecnocrata.

Seguindo o entendimento exposto acima procuramos saber quais as dificuldades que as professoras têm para trabalhar conteúdos de História e Geografia. Pensando assim perguntamos: “Quais as dificuldades de trabalhar os conteúdos de História e Geografia?” Todas as informantes responderam que são os recursos didáticos que a escola não oferece, a falta de aperfeiçoamento. Ou seja, orientação para trabalhar os conteúdos das disciplinas acima citadas.

É indispensável também sabermos que autores as professoras se fundamentam para realizar uma prática eficaz. Partindo disso, perguntamos: “Que autores você trabalha ou considera importantes para desenvolver os conteúdos de História e Geografia?” Os resultados obtidos foram que as informantes trabalham com os livros didáticos escolhidos pela escola para utilizar durante o ano letivo. Assim percebemos que as professoras se baseiam apenas nos autores do livro didático escolhido para trabalhar durante o ano letivo, isto é, não buscam nenhuma outra forma de discutir os conteúdos dessas disciplinas, já que se fundamenta somente no livro didático e não buscam saber o pensamento de outros autores. É lamentável que as professoras trabalhem unicamente dessa forma, pois segundo Rousseau:

Como tudo o que entra no entendimento humano vem pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão sensitiva, é ela que serve de base para a razão intelectual: nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros não equivale a nos ensinar a raciocinar, mas sim a nos ensinar e nos servirmos da razão de outrem; equivale a nos ensinar a acreditar muito e a nunca saber nada. (2004, p. 148)

Pensando assim, compreendemos que ao utilizar apenas o livro didático como forma de construir conhecimento não terá resultados satisfatórios, pois agindo assim estará só transmitindo conteúdo e fazendo com que ao invés de formar um ser autônomo, capaz de tomar suas próprias decisões ele adquirirá para si a razão de outros. No entanto, não aprenderá coisa alguma.

Rousseau preconiza a importância da educação conforme a natureza, que o homem seja educado para si mesmo, bem como a vinculação entre ensino-aprendizagem e a vida. Partindo disso, fizemos a seguinte pergunta: “De acordo com Rousseau a educação deve ser conforme a natureza, bem como aprender com a experiência. Nesse sentido, que relação você pode fazer entre o pensamento de Rousseau e a sua prática pedagógica?” Os resultados que tivemos foram que todas as professoras consideram importante a influência da natureza e da experiência para uma melhor aprendizagem, por que dessa forma facilita a compreensão dos alunos.

Contudo, percebemos que as professoras questionadas precisam refletir sobre a prática que estão realizando e buscar novas ações e realizações, participando, inovando, ousando, pois é fundamental preparar o homem com uma formação autônoma, propiciando uma formação que conduza o indivíduo a ser o sujeito de sua aprendizagem.

3.2 DA TEORIA À PRÁTICA

Nesse item, apresentaremos a análise dos encontros de estágio realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Genésio Araújo, tendo como fundamentação primordial o pensamento do filósofo da educação Jean-Jacques Rousseau tomando como base a sua obra *Emílio ou da Educação*.

No desenvolvimento das atividades tivemos a oportunidade de utilizar na prática os escritos de Rousseau e possibilitar aos alunos e professores uma visão de como se trabalhar os

conteúdos de História e Geografia de forma a contribuir para formação de homem; homem social, cidadão; capaz de agir por si próprio.

O trabalho foi desenvolvido com alunos da 2ª série do ensino fundamental, buscamos durante os encontros conduzir os educandos a desenvolver bem a percepção de sujeito participativo, tendo uma reflexão crítica das coisas e a autonomia para falar sobre o conteúdo em questão e não priorizar um trabalho voltado apenas para uma transmissão de conteúdos do livro didático.

No decorrer das aulas percebemos que as atividades foram bem aceitas e ficou bem explícito o tradicionalismo existente, pois os alunos perguntavam constantemente se não tinha matéria para copiar, ou seja, as professoras têm uma prática que visa apenas repassar conhecimentos, cumprir calendário.

Pelo que podemos observar as professoras atuam de forma a serem dominadoras, detentoras do conhecimento, seguindo receitas e modelos prontos, inapropriados à realidade existente.

As professoras abordam diversas dificuldades em trabalhar os conteúdos de História e Geografia, dentre estes, a orientação pedagógica, pois a escola não dispõe de nenhum pedagogo; a parte do planejamento é efetivada por elas mesmas sem nenhuma orientação que venha acrescentar algo importante para a realização das disciplinas.

Sobre a prática em sala de aula, percebemos que a forma como a professora trabalha a avaliação como sendo apenas um método, conduz os alunos a um ensino-aprendizagem mecânico, pois ela tem um entendimento de que avaliação é um processo contínuo. Assim ao utilizarmos a avaliação como todo o processo de construção dos alunos, bem como o desempenho de cada um nas discussões, revela um excelente desempenho que auxilia na construção de um indivíduo autônomo, ativo.

A escola e os professores não podem mais se contentar em comunicar conhecimentos, deve preparar o indivíduo para ultrapassar barreiras, para chegar ao objetivo que se propõe, respeitando o ritmo do aluno, seus ensaios e erros.

É fundamental que a escola ajude o educando a refletir sobre os grandes ideais da humanidade, interpretando-os e recreando-os, para viver o presente. Deve, ainda, proporcionar oportunidades de integração e co-relação dos conhecimentos, para que o educando possa elevar a aplicação do aprendizado na prática.

É preciso que as professoras tenham um olhar mais aberto, mais amplo para o processo ensino-aprendizagem e para seus alunos, permitindo assim olhá-los numa dimensão não autoritária, não dogmática.

Os alunos se identificaram bastante com a forma que trabalhamos os conteúdos de História e Geografia, pois ao lecionar conforme os escritos de Rousseau a criança aprende com a experiência, tendo contato com as coisas, aprendendo com significado e não da maneira como a professora estava lecionando, preocupada somente com o que o educando é capaz de memorizar e a nota que poderiam ter, que ocupa a cada dia mais espaço na vida do educando. Por isso se faz necessário que as docentes repensem suas práticas.

Percebemos também que os alunos adaptados a um ensino mecânico consideravam como aula apenas quando eram lidos os textos do livro didático e os exercícios propostos pela professora. Com isso, ao desenvolvermos o ensino de História e Geografia baseado na livre expressão, discutindo os assuntos com aulas práticas de acordo com a realidade deles, era visto como uma atividade diferente, que não seria uma aula e nem um trabalho constante. Ou seja, uma brincadeira efêmera.

Então, podemos questionar: Será que o professor que se limita apenas aos textos didáticos está contribuindo para uma educação de qualidade? Pois o ensinar com qualidade não é mais reproduzir informações ou repassar conteúdos curriculares, mas ensinar os educandos para aprender, prepará-los para se tornarem pessoas críticas e assim atuarem na sociedade não como sujeitos passivos, mas como protagonistas de sua própria história.

Nas atividades tivemos a chance de demonstrar que o ensino de História e Geografia não deve ser considerado como matérias que se aprende somente através de questionários escritos, exposição oral dos textos, sem discuti-los, observando tudo de forma passiva.

Nas aulas seguintes, vimos que os alunos estavam participando ativamente, expondo

seus entendimentos a respeito do que estava sendo discutido, extinguindo a forma de trabalhar que ali existia, de um ensino fragmentado, descontextualizado em que a matéria era tida como algo definitivo, incontestável. Isto é, o professor um transmissor de conteúdos e seus alunos um receptor.

Sendo assim, torna-se urgente a necessidade de nós professores se libertarem desse modo de educar somente através de regras, receitas, modelos, técnicas de aulas capazes de prever, diagnosticar e moldar o educando.

Quanto à metodologia utilizada pela professora, observamos que está centrada apenas nos textos do livro didático e indagações seguindo os textos, com questões dadas por ela mesma com relação a novos procedimentos metodológicos buscamos relacionar os textos com a realidade do aluno, sem exigir dele a repetição e memorização do assunto. Mas sim, formar homem com consciência crítica.

É indispensável mencionar que durante uma atividade, a professora afirmou ter realizado uma vez uma aula semelhante a que estava sendo desenvolvida no estágio. Mas, é importante elucidar que inovar a prática, fundamentar ações não é apenas achar que alguma metodologia já a faz diferente. É fundamental refletir constantemente a atuação docente e não se contentar com algum procedimento metodológico aleatório.

Contudo, vimos que a forma de desenvolver o ensino de História e Geografia de acordo com Rousseau, proporcionou a professora a importância de refletir a respeito da atuação docente que vinham realizando, bem como mostrar aos alunos que é preciso pensar, refletir e não aceitar os conceitos como algo pronto e acabado, indiscutível.

Por fim, diante dos resultados obtidos observamos que contribuimos para a elevação da qualidade do ensino e da aprendizagem de História e Geografia, ao propor situações que incentiva a reflexão e a conscientização de que o professor deve emergir uma consciência crítica e uma prática reflexiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado para instigar uma reflexão crítica da prática pedagógica no ensino de História e Geografia conforme os escritos de Rousseau revelam a grande necessidade de conduzir os professores e a instituição, a despertarem para essa reflexão. Pois a prática existente não está cumprindo seu papel, que é formar o indivíduo para a vida.

Pode-se perceber as divergências entre a teoria e a prática, denunciadas nas concepções das professoras, pois essas “reconhecem” a importância de se trabalhar a educação conforme a natureza, aprendendo com a experiência, no entanto, não incluem em suas práticas essa forma de lecionar. Um outro ponto a ser considerado, diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores ao se discutir novas metodologias de ensinar História e Geografia.

Diante do despreparo dos docentes para lidar com formas diferentes de ministrar as aulas, procuramos incentivá-los, cada vez mais, a repensar suas práticas pedagógicas e a partir da concepção de Rousseau podemos realizar mudanças nesse quadro que nada favorece ao crescimento pessoal e humano dos discentes.

Esperamos que este estudo tenha contribuído para a conscientização da importância do pensamento de Rousseau, de refletir a respeito da prática das professoras e que não continuem alimentando uma prática medíocre que só informa e não produz conhecimento nem vincula aquilo que é proposto pela escola e a experiência de vida das crianças que frequentam esta escola.

Por fim observamos que as professoras assim como os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Genésio Araújo, no que se refere às concepções de Rousseau a respeito do ensino de História e Geografia, constatamos que foram bem aceitas, compreendidas e que não só na teoria como também na prática tivemos resultados excelentes, mostrando, contudo a eficácia das escritos de Rousseau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau a educação na infância**. São Paulo, ed. Scipione. 1990.

CABRAL, Maria Inez Cavalieri. **De Rousseau a Freinet ou da Teoria à Prática**. São Paulo: Hemus: Livraria Editora LTDA, 1978.

FORTES, Luis Roberto Salinas. **Rousseau: um bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1989. (Prazer em conhecer)

_____. Luis Roberto Salinas. **Jean-Jacques Rousseau**.
www.culturabrasil.pro.br/dadesigualdade.Rousseau.htm, 2005.

FREINET, Célestin. **Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. Tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e Pedagogia)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Paidéia)

ANEXOS

Questionário

1. Qual a sua formação?
2. Qual a série que leciona?
3. Na sua concepção como deve ser lecionado o ensino de História e Geografia? Indique atividades:
4. Que atividades a escola desenvolve para possibilitar a aprendizagem crítica dos alunos na disciplina de História e Geografia:
 - () Feira cultural
 - () Exibição de vídeo
 - () Aulas de campo
 - () Leitura de texto/ conteúdo atuais
 - () Outros
5. Quais as dificuldades de trabalhar os conteúdos de História e Geografia?
6. Que autores você trabalhar ao considera importante para desenvolver os conteúdos de História e Geografia?
7. De acordo com Rousseau a educação deve ser conforme a natureza, bem como aprender com a experiência. Nesse sentido, que relação você pode fazer entre o pensamento de Rousseau e a sua prática pedagógica?

1º Encontro (plano de aula)

Disciplina: História

Assunto: Família – grupo social

Materiais:

Cartolina

Figuras

Lápis

Fita adesiva

Tesoura

Procedimentos Metodológicos:

Conversar com as crianças sobre a família, permitindo que expressem livremente o nome dos pais, irmãos, avós, etc. Conduzindo assim uma discussão sobre a importância do trabalho na vida da família, bem com identificar os aspectos que caracterizam uma família unida.

É fundamental que os alunos representem através de desenhos e frases a sua realidade familiar. Logo em seguida, pedir os alunos que troquem suas produções, para que todos conheçam as diferenças que envolvem as famílias, enquanto grupo social, da turma em que estão inseridos.

Avaliação:

A avaliação será todo processo de construção das produções dos alunos e também o desempenho de cada um na discussão sobre a família.

2º Encontro (plano de aula)

Disciplina: História

Assunto: O tempo

Materiais:

Cartolina

Pincel

Régua

Lápis grafite

Cola

Procedimentos Metodológicos:

O professor explicará que cada aluno fará a construção da linha do tempo do seu dia de rotina. Assim, o educando construirá numa cartolina a linha do tempo do seu dia, utilizando, contudo suas experiências para compreender o assunto estudado.

Avaliação:

A avaliação será contínua, à medida que o aluno começar a descrever, falar o seu dia-a-dia, o professor pode observar a oralidade do aluno, percebendo se o educando está desenvolvendo bem a percepção de sujeito participativo da história, bem como observar se toda a turma já compreende a noção de tempo.

3º Encontro (plano de aula)

Disciplina: Geografia

Assunto: Os meios de transporte

Materiais:

Folha de ofício

Mini system

Cd

Pincel

Procedimentos Metodológicos:

1º passo: O professor deve pedir para que os alunos fiquem de pé e façam um círculo.

2º passo: Em seguida deve-se confeccionar uma bola de papel com perguntas sobre o assunto em discussão. Logo após deve-se ligar um som e passa a bola pelos participantes e quando a música para, quem ficar com a bola, tira uma folha e responde o que estiver expresso na mesma.

Avaliação:

Observar se os alunos conseguem interpretar a questão e respondê-la, desenvolvendo assim a reflexão crítica das coisas e a autonomia para falar sobre o conteúdo em questão, agindo assim por si próprio. Dessa forma o professor não estará proporcionando apenas uma transmissão do conteúdo do livro didático.

4º Encontro (plano de aula)

Disciplina: Geografia

Assunto: Problemas urbanos

Procedimentos Metodológicos:

Desenvolver uma discussão com os alunos sobre os problemas sociais e ambientais existentes no município, apontando suas causas e levantando hipóteses para a solução destes. Para isto, realizaremos um passeio pela cidade vivenciando assim a realidade dos fatos e o cotidiano dos educando.

Avaliação:

A avaliação dar-se-á da observação do desempenho e compreensão dos alunos no decorrer do passeio e da discussão sobre o tema proposto.

5º Encontro (plano de aula)

Disciplina: Geografia

Assunto: Nações iniciais de representação gráfica – mapas.

Materiais:

Lápis

Papel

Imagens gráficas de ambientes

Procedimentos Metodológicos:

Em um primeiro momento fará uma exposição oral da nação de desenhos de mapas, logo após, orientar os alunos para desenvolver o mapa da sala de aula, e depois ampliar ao da escola.

Em um segundo momento, o aluno deverá desenhar o mapa da sua casa e depois ampliar ao da sua rua e se conseguir o do seu bairro, localizando pontos estratégicos.

Assim, os educando também podem se localizar no mapa da cidade, bem como localizar a cidade no mapa do estado e até mesmo no do país, construindo, contudo uma nação não só local, mas também nacional.

Avaliação:

Analisar se o educando é capaz de estabelecer relações entre as diferentes informações e ler imagens, mapas, interpretando-os, como fazer questionamentos que levem os alunos à interpretação dos mapas.

Eu, Aline Sarmiento Coura, autorizo a cópia de minha monografia a ficar no EPPF, para leitura e pesquisa, não podendo ser retirada para empréstimo ou xérox.
